

Reportagens

Agricultura: a força brasileira

Investimento e expansão para o Cerrado foram determinantes para transformar o país de importador de alimentos a “celeiro do mundo”

Por Mariana Castro Alves



15/11/2012

Os números impressionam. A produção agrícola brasileira foi de R\$ 195,6 bilhões em 2011, de acordo com dados do [Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística \(IBGE\)](#). O Brasil está entre os cinco maiores produtores agrícolas do mundo, segundo o [Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais \(Icône\)](#), ficando atrás apenas da China, da União Europeia, dos Estados Unidos e da Índia. Quando se trata de exportações, a agricultura brasileira vai para a terceira colocação, com 6% de toda a exportação agrícola mundial, atrás somente dos Estados Unidos, que ficam com 11%, e do conjunto dos 27 países membros da União Europeia, que representam 10% do total agrícola exportado. Somada às atividades de sua cadeia produtiva, a agricultura representa em torno de 25% do PIB nacional.

O país é o primeiro produtor e exportador de café, açúcar, etanol de cana-de-açúcar e suco de laranja do mundo. Lidera o ranking de vendas do complexo da soja – farelo, óleo e grão – e é o maior produtor mundial de carne bovina, cujas exportações representaram mais de US\$ 4 bilhões para o Brasil, em 2009, segundo o [Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento \(Mapa\)](#). Além disso, é o maior produtor mundial de carne de frango, setor que representou sozinho 1,5% do PIB em 2009, gerando cinco milhões de empregos e mais de US\$ 7 bilhões em exportações para 150 países.

Contudo, nem sempre os números foram grandiosos para o setor. Até o final da década de 1960, o Brasil era obrigado a importar os principais produtos agrícolas, até o arroz e o feijão, essenciais no prato do brasileiro. O país exportava apenas café e açúcar, e tinha que importar outros produtos importantes, como o leite. Mas como se deu essa transformação?

Esforço governamental

Segundo a agrônoma e pesquisadora do Icone, Laura Barcellos Antoniazzi, nas décadas de 1970 e 1980 houve um esforço dos governos brasileiros para o desenvolvimento da agricultura. “Isso se deu por meio de uma política de crédito – ao setor privado e ao produtor rural – e de investimento em tecnologia”, explica Antoniazzi.

No quesito tecnologia, a principal ação do governo foi a criação da empresa pública Embrapa – [Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária](#), em 1973. Seu papel foi fundamental na expansão agrícola para o Cerrado, iniciada naquela década.

A virada: expansão para o Cerrado

De acordo com Carlos Magno Campos da Rocha, chefe-geral e ex-diretor-presidente da Embrapa, os planejadores notaram que a área cultivada não era mais suficiente para alimentar todos os 90 milhões de habitantes que o Brasil já tinha no fim da década de 1960. Sem possibilidade de abertura de novas áreas na Mata Atlântica – que já estava ocupada em grande parte de sua extensão – e com experiências já fracassadas na Amazônia, a solução foi a expansão da fronteira agrícola para o centro do país.

No caso da Amazônia, durante as décadas de 1950 e 1960, houve a tentativa de uma política de colonização da região por meio de estímulos à produção de alimentos, matérias-primas e energia, objetivos da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), criada em 1953, no governo de Getúlio Vargas. Mas o insucesso foi tal que, segundo o estudo de Maria Celina d’Araújo [“Amazônia e desenvolvimento à luz das políticas governamentais: a experiência dos anos 50”](#), entre 1948 e 1958, a Amazônia diminuiu sua participação na renda nacional, não houve aumento na produção agrícola, foi nula a ação para fixar as colônias agrícolas existentes, e as pesquisas sobre solo e vegetação mostraram-se insatisfatórias.

Assim, o divisor de águas do desenvolvimento agrícola brasileiro foi, nos anos 1970, a expansão para o Cerrado, que era considerado um bioma totalmente inadequado para a agricultura até então. O “truque” foi a tecnologia, conta Rocha: “O grande segredo foi a geração de tecnologia para correção do solo e elevação da produtividade.” De acordo com ele, o solo em estado natural do Cerrado era ácido e com altos teores de alumínio, elemento tóxico para muitas plantas.

“Com investimento em pesquisa e capacitação de pessoal no exterior, foi possível corrigir o solo, elevar a produtividade e mantê-la”, afirma Rocha. Houve melhoria do solo, manejo e implantação de sistema de “plantio direto” – no qual a planta é cortada no topo da haste, deixando o restante formar um tapete de material orgânico, importante para reter os nutrientes do solo para a safra seguinte. Dessa forma, segundo Rocha, “a Embrapa ajudou no crescimento da agricultura no Brasil, ao coordenar um processo em que outros atores tiveram participação, como a iniciativa privada e o produtor rural”.

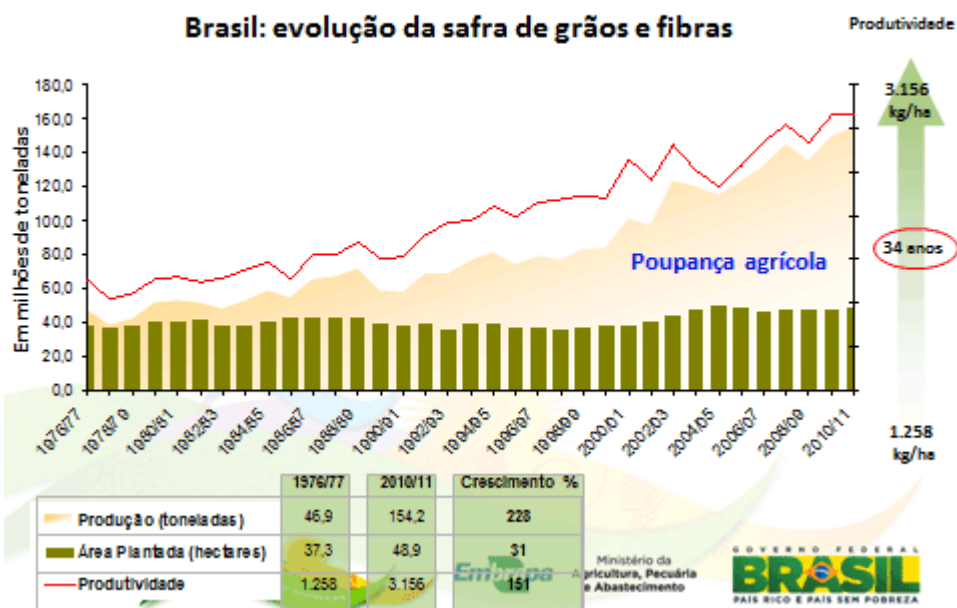
Hoje a região do Cerrado responde por grande parte da produção agrícola do Brasil. Na safra 2009/2010, foi responsável por 54% da produção nacional de soja, 95% da produção de algodão e 23% da produção de café. É no Cerrado que estão 41% dos 190 milhões de bovinos do país, responsáveis por 55% da produção nacional de carne e 41% da produção de leite, segundo dados da Embrapa.

Produtividade: produção cresceu mais que a área plantada

A expansão para o Cerrado foi importante assim como o crescimento da produtividade, alcançado pelo investimento em tecnologia, de acordo com o pesquisador da Embrapa.

O gráfico abaixo mostra o aumento da produtividade da agricultura no Brasil. De 1976 a 2010, a produção de grãos e fibras cresceu de 46,9 para 154,2 milhões de toneladas. A área cresceu de 37,3 para 48,9 milhões de hectares. Assim, a produção cresceu mais que a área plantada, o que representou um crescimento de produtividade de 151% no período.

Tecnologia: a base do desenvolvimento da agropecuária brasileira



Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Desafios

Em 2050, a população mundial será de 9 bilhões de pessoas, segundo a [Organização das Nações Unidas](#) (ONU). A demanda por recursos naturais, como alimentos e fontes de energia, crescerá. “Nesse cenário, o principal desafio será manter o aumento da produção agrícola e, ao mesmo tempo, colaborar com a melhoria da qualidade ambiental”, afirma Laura Antoniazzi.

Hoje o Brasil é um grande exportador de alimentos. Segundo Rocha, da Embrapa, até 2030 será preciso produzir mais 70% da quantidade de alimentos produzidos atualmente no mundo. “O Brasil sozinho produzirá 40% desse montante”, acredita. Ainda há áreas agricultáveis não utilizadas. “Mas, pastagens degradadas poderiam ser utilizadas na integração lavoura/pecuária, uma forma de aumentar a intensidade do uso da terra, fazendo a rotação de culturas e animais, sem desmatamento”, explica o pesquisador.

Em nível global, a experiência da expansão agrícola para o Cerrado e as pesquisas científicas que “tropicalizaram” a agricultura, nas palavras dele, poderiam ser adaptadas à África, que tem níveis de produtividade muito baixos: “A savana africana, assim como o Cerrado, teria condição de aumentar sua produtividade”.

Quanto aos desafios nacionais, Rocha aponta, em primeiro lugar, a necessidade de se estudarem fontes alternativas de fertilizantes. De acordo com ele, o Brasil importa toda a quantidade utilizada de potássio, nutriente que, junto com fósforo e nitrogênio, é base dos fertilizantes utilizados hoje. “Temos que mudar essa matriz”, assinala. A dependência externa cria fragilidades ao país. Rocha também destaca que a Embrapa tem diversos projetos de biotecnologia voltados à pesquisa de micro-organismos que tornem plantas mais resistentes e sejam mais eficientes.

Outro desafio é a melhor utilização da água doce. “O Brasil tem 13% da água doce do mundo e todo esse volume é desperdiçado, mal ou pouco utilizado. Falta visão de futuro. Teríamos que pensar em formas de melhor aproveitar e armazenar nossos mananciais”, comenta ele.

Outro grande problema do Brasil é de logística, especialmente no que se relaciona ao custo do transporte. “De que adiantam excelentes produtores se o arroz do Rio Grande do Sul só chega a Belém

de caminhão?”, indaga Rocha. A solução seria aumentar a rede ferroviária e abrir hidrovias, com a construção de eclusas.

Perspectivas

Para o pesquisador da Embrapa, foi dado o primeiro passo. “Agora é preciso continuar investindo em pesquisa, buscando capacitação, inclusive no exterior. É preciso que os governos tomem consciência de que a eficiência e a competitividade são resultados de um trabalho de décadas, ou seja, são necessários investimentos contínuos em Ciência e Tecnologia”.

A pesquisadora Antoniazzi lembra que o Brasil tem como trunfos a disponibilidade de recursos naturais, sua diversidade climática e tecnologias agrícolas tropicais. Para ela, apesar dos problemas de infraestrutura, investimentos internos e externos têm acompanhado o potencial do país. “O setor encontra-se em franca expansão e as perspectivas são muito boas”, garante.